

GAC discute fluxo migratório no DF

Perfil sócio-econômico e abordagem histórica foram alguns dos temas tratados em encontro

Alessandro Mendes
de Brasília

A Dinâmica Populacional e Fluxo Migratório no Distrito Federal foi o tema da 8ª Reunião do Grupo de Análise Conjuntural do DF (GAC-DF), grupo filiado ao Conselho Regional de Economia da 11ª Região (Corecon-DF) e Sindicato dos Economistas do DF. A questão chamou a atenção do GAC pela sua relevância no contexto regional, já que grande parte do crescimento populacional do DF é advindo de migração. Entre os temas tratados no evento, realizado ontem, estiveram o perfil sócio-econômico do migrante, a participação da migração no crescimento da população e uma abordagem histórica do tema, desde a fundação de Brasília.

Além dos membros do GAC, o debate contou com participação do professor Aldo Paviani, membro do Núcleo de Estudos Urbanos da UnB, e Durval Magalhães, chefe do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Codeplan. O vice-

presidente da Associação Commercial do DF (ACDF), Antônio Carlos Araújo, que falaria sobre a posição do migrante como mão de obra e mercado consumidor, não pôde participar do evento.

A reunião foi aberta por Paviani, que fez uma breve abordagem histórica do tema dinâmica populacional e migração desde o início da década de 60. "No início da cidade, o migrante vinha para Brasília com experiência migratória. Na maioria das vezes, as pessoas não eram oriundas do local de nascimento, mas de outras regiões do país em que haviam se estabelecido", explicou Paviani. "Como não ficava satisfeito com o local de escolha, tentava outra região", completou. Atualmente, segundo Paviani, o migrante é, em sua maior parte, vindo da cidade em que nasceu.

Outro ponto abordado por Paviani é a diferença entre os migrantes que chegam a Brasília. "Quando se toca no assunto, todo mundo pensa nas pessoas, nor-

malmente de baixa instrução, que se estabelecem nas periferias ou em invasões no Plano Piloto. É a cultura de que migrante só chega pela Rodoferroviária", afirmou. "Mas tem muita gente que chega pelo aeroporto ou por meios próprios. Tem maior grau de instrução e vêm ocupar cargos em empresas de porte. Estes também são migrantes", acrescentou.

A segunda exposição foi feita por Durval Magalhães, que trouxe o perfil do migrante, com dados sobre origem, instrução e impacto no crescimento populacional do DF. Entre 1991 (último censo do IBGE) e 1996 (atualização), a Região Nordeste contribui com 48,5% dos migrantes, seguido pela Sudeste, com 22,9%. Quanto ao nível de escolaridade, Magalhães mostrou que de todos os migrantes analfabetos, cerca de 60%, são oriundos do Nordeste. Com nível superior, quase 50% migraram do Sudeste.

Magalhães mostrou também o impacto da migração no cres-

cimento populacional. Na década de 60, os migrantes correspondiam a 79,9% do crescimento do DF. Hoje, a percentagem caiu para 48,1%.

Após as exposições, durante os debates, os principais questionamentos estiveram centrados na atração exercida pelo DF. Paviani explicou que, no início da cidade, a migração se deu por questões salariais e oportunidades de emprego. "Atualmente, além desses itens, a cidade tem outros fatores de atração, como boa qualidade de vida e infra-estrutura no setor escolar e de saúde. Oferece um grande leque para o migrante em potencial", afirmou Paviani.

A opinião de Paviani foi referendada por Magalhães. "O DF é, historicamente, um centro de atração de migrantes. E vai continuar sendo", disse. "Enquanto Brasília continuar a gerar empregos, a migração não vai cessar. Afinal, é melhor ficar aqui do que, por exemplo, sofrer com a seca", completou.